

REGIÃO E REGIONALIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE DISCURSOS E PRÁTICAS VINCULADOS À INTERAÇÃO ESPACIAL ENTRE VITÓRIA DA CONQUISTA-BA E REGIÃO

Cláudia Anastácio Coelho Cruz¹

RESUMO

O trabalho tem por objetivo analisar a relação entre as lógicas de interação espacial em Vitória da Conquista-BA e região, os discursos sobre região e regionalização e suas repercussões no espaço no qual a cidade tem se destacado como articuladora nos processos econômicos, políticos e culturais. As diferentes concepções de região e regionalização, na explicação dos processos de diferenciação espacial, de particularidades/especificidades na produção do espaço pela sociedade, representam discursividades em disputa sobre a questão regional. As diferentes regionalizações do espaço regional, no qual Vitória da Conquista está inserida, expressam a forma como os discursos se materializam no espaço, pois essas regionalizações influenciam nas decisões sobre investimentos públicos e privados, com repercussões para os sujeitos sociais que vivem nesse espaço.

Palavras-chave: Discurso, Interação espacial, Região.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the different spatial interaction logics in Vitória da Conquista-Ba and region. It also addresses to the discourse of region and regionalization and its repercussion in the space in which the city presents itself as a cultural, political and economic articulator. The different conceptions of region and regionalization explain spatial differentiation processes or particularities/specificities in spatial production by society, and its discursivities in dispute over the regional question. The different regionalizations of regional space, in which Vitória da Conquista is inserted, expresses how the discourses become visible in space, and how regionalization has influenced the decision makers, in private and public investment, directly affecting the local inhabitants.

Key-words: Region, Spatial interaction, Discourse.

Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar as lógicas de interação espacial presentes no processo de constituição Vitória da Conquista - BA como cidade média, o discurso regional e as regionalizações nas quais a cidade tem se destacado como articuladora nos

¹ Prof^a MSc. do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Doutoranda em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Espaço, memória e representações sociais, certificado pela UESB. E-mail: claudiacruzster@gmail.com

processos econômicos, políticos e culturais na região. Para atingir o objetivo proposto foi feita a revisão bibliográfica para aprofundamento do referencial teórico e realização de pesquisa documental junto aos órgãos públicos e jornais da região. Foi realizada pesquisa em *sites* governamentais, de administração direta e indireta (federais, estaduais e municipais) sobre a interação espacial em Vitória da Conquista e região e análise de textos de jornais que tratam da dessa temática. Com base nos dados coletados na pesquisa, foi elaborado mapa temático utilizando o software *Map Viewer 7.0*

Vitória da Conquista – BA mantém forte integração com os demais municípios da região desde 1840, em função da passagem de gado do interior do sertão em direção ao litoral. No período de 1940 a 1963, correspondente ao período da construção da BR-116 (Rio-Bahia, plenamente asfaltada em 1963) no sentido norte-sul, houve a ampliação do comércio entre a cidade e a região. A sua localização no entrocamento dos eixos rodoviários no sentido norte-sul, ligando a Bahia a Minas Gerais e no sentido leste-oeste, ligando o litoral ao sertão, contribuiu para a expansão da cidade ao longo das rodovias e na década de 60 os comerciantes das vilas e cidades próximas compravam mercadorias em Vitória da Conquista para atender à demanda regional.

A mobilidade espacial de diferentes agentes sociais tem se intensificado nos últimos anos em Vitória da Conquista-BA e região, como parte das lógicas de interação espacial fundadas da contiguidade (lógica zonal) e na conectividade (lógica reticular), assim como os discursos sobre articulação econômica, política e cultural, influenciando as práticas dos sujeitos sociais que se materializam no espaço regional.

Buscando contribuir com as discussões sobre a relação entre o discurso e a prática na construção do espaço regional, é apresentada uma análise sobre as lógicas de interação espacial fundadas nos processos de continuidade e descontinuidade territorial em Vitória da Conquista e região; sobre as diferentes concepções de região e regionalização e as discursividades em disputa utilizadas para justificar as ações dos sujeitos sociais e institucionais no espaço regional assim como as regionalizações recentes, nas quais Vitória da Conquista está inserida.

Vitória da Conquista-BA e as lógicas de continuidade e descontinuidade territorial

Nas últimas décadas, o deslocamento de pessoas para a cidade de Vitória da Conquista, em busca de bens e serviços, tem contribuído para o seu crescimento e ampliado a articulação entre a cidade e a região na qual está inserida. Em 2010, a cidade

totalizou 260.260 habitantes² e a população do município totalizou 306.866 habitantes, conforme censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Em 2012, a população estimada do município de Vitória da Conquista era de 315. 884 habitantes - terceira maior do Estado da Bahia (IBGE, 2013).

As pessoas que não têm condições de se locomover periodicamente para adquirir bens e serviços em Vitória da Conquista acabam se mudando para a cidade, assim como os trabalhadores rurais expropriados de suas terras. Mais da metade dos municípios que estão em sua área de influência localiza-se no Semiárido, onde ocorre maior processo de exclusão socioeconômica, principalmente no campo, quando comparados aos demais municípios e, como consequência, maior perda da população. Assim, os motivos socioeconômicos se destacam entre os que mais influenciam na mobilidade espacial da população e têm sido um dos fatores do adensamento populacional em Vitória da Conquista nos últimos anos.

Sampaio (2013, p. 220) destaca a localização de Vitória da Conquista como facilitadora da existência de fluxos de pessoas, como resultado das migrações internas sazonais, que são realizadas desde a ocupação e formação do município. Sobre a centralidade que Vitória da Conquista exerce sobre a região e a mobilidade espacial da população, a autora ressalta:

[...] resulta de um arranjo estrutural e espacial da rede urbana fruto do desenvolvimento desigual na produção sobre o espaço, o qual potencializa vantagens locais, imprime e acentua a divisão social e territorial do trabalho, além de aumentar a produção de mercadorias. Ao exercer essa importância como centro regional, Vitória da Conquista desponta como um polo de atração populacional, pois sua infraestrutura faz com que diariamente indivíduos de outros municípios se desloquem para o seu centro urbano em busca de serviços e comércios que não encontram em seus locais de origem. (SAMPAIO, 2013, p. 220).

A cidade de Vitória da Conquista tem adquirido importância na área de saúde e conta com hospitais que realizam procedimentos de alta complexidade, profissionais qualificados e clínicas especializadas, atraindo a população circunvizinha para a realização de diferentes procedimentos ambulatoriais e cirúrgicos. A mobilidade espacial de pessoas em Vitória da Conquista e região está relacionada ao atendimento médico-hospitalar para pacientes que não dispõem nos municípios de residência de

² Total sem incluir a população das vilas dos distritos que também compõe a população urbana do município, conforme (IBGE, 2013).

exames de alta complexidade, como tomografia, ressonância magnética, dentre outros, assim como para internação de pacientes dos municípios que repassam recursos financeiros para Vitória da Conquista por meio de convênios firmados para este fim, conforme pesquisa desenvolvida por Ferraz (2009).

Vitória da Conquista possui dois *campi* de Universidades Públicas: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia com 41 cursos nas áreas de Saúde, Ciências Sociais Aplicadas, Humanas, Engenharia, Ciências Exatas e da Terra e Ciências Agrárias; e o campus avançado da Universidade Federal da Bahia com 03 cursos na área de Saúde, dentre outros. O Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) – Campus de Vitória da Conquista (antigo Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia), inaugurado em 1994, oferece atualmente curso superior em Engenharia Ambiental, Engenharia Elétrica, Licenciatura em Química e Sistemas de Informação. A cidade possui também três Faculdades particulares com cursos presenciais nas áreas de Humanas e Saúde: Faculdade Juvêncio Terra, com início das atividades em 1999; Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) que iniciou suas atividades em 2000 e a Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR), que começou suas atividades em 2001.

Gusmão (2009, p. 82) aponta os fluxos do Ensino Superior em Vitória da Conquista e região como parte da dinâmica social, os quais permitem a configuração espacial em rede no espaço analisado. Sobre os fluxos provenientes do deslocamento vinculado ao Ensino Superior a autora afirma:

Uma nova configuração geográfica foi estabelecida na Região Sudoeste da Bahia em função da oferta de ensino superior. Através dos depoimentos e investigações ficou comprovado que a instalação e expansão das IES [Instituições de Ensino Superior] têm alcançado uma região de influência de, aproximadamente 100 municípios baianos e têm, também, promovido fluxos sociais, culturais e econômicos, na referida região, considerados relevantes, resultando na necessidade de implantação de fixos, o que promove um novo ordenamento espacial de partes da cidade. (GUSMÃO, 2009, p. 95).

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia é *multicampi*. No Campus de Vitória da Conquista são desenvolvidas as atividades administrativas realizadas pela Reitoria, Pró-Reitorias e Gerências. Neste Campus são oferecidos 19 cursos nas diferentes áreas, sendo que 7 desses cursos têm dois vestibulares no ano. Em Jequié e Itapetinga, são oferecidos 14 cursos (8 com dois vestibulares) e 8 cursos (3 com dois vestibulares), respectivamente.

A lógica da interação espacial da continuidade, fundada na contiguidade, pode ser identificada no processo histórico da constituição de Vitória da Conquista. A existência de eixos de circulação contribuiu para que a cidade assumisse seu papel de cidade média e atualmente viabilize a fluidez territorial.

Sposito et al (2007) ressaltam que os fluxos materiais e imateriais possíveis em função dos meios de transporte e das telecomunicações, respectivamente, permitem considerar, na análise das cidades médias na atualidade, a articulação entre as lógicas de interação espacial fundadas na continuidade e, concomitantemente, na descontinuidade territorial. Enquanto a primeira se estabeleceu a partir da economia de tipo fordista, a segunda se firmou a partir da passagem para a economia flexível.

Lefebvre (2008) ressalta que enquanto o tempo e espaço da era industrial têm valorizado a homogeneidade, uniformidade e continuidade, no tempo e espaço da era urbana superpõem-se e se imbricam redes e fluxos extremamente diferentes desde rede viárias até fluxos de informações, desde mercado de produtos até as trocas de símbolos.

As duas lógicas de interação espacial estão articuladas, ora sobressaindo mais uma, ora outra a depender as relações estabelecidas entre as cidades.

Os fluxos materiais e imateriais estão articulados o que permite a coexistência de duas lógicas de interação espacial: aquela que valoriza a contiguidade, ou o princípio da extensão (configuração espacial em área ou zona) e aquela que valoriza a conectividade ou o princípio da conexão (configuração espacial em redes que admite sobreposições). Os fluxos de passageiros, migrantes e cargas, atendimentos em educação presencial e saúde, por exemplo, podem ser mais influenciados pela proximidade, gerando uma configuração espacial em área, mas por meio dos avanços nos meios de transporte, também gerar uma configuração espacial em rede, fundada na conectividade. Assim, os fluxos materiais como bens e serviços podem subverter a hierarquia urbana nos moldes clássicos, baseada na contiguidade, por meio de conexões entre cidades de outras redes urbanas ou de cidades globais, viabilizadas pelos fluxos imateriais que contribuem para a constituição da lógica de interação espacial da descontinuidade e permitem a configuração espacial na forma de redes.

Sampaio e Gusmão (2010, p. 4) ressaltam que a diversidade de serviços e bens existentes em Vitória da Conquista contribui para sua importância como cidade média e como polo regional, ao atender as necessidades da população local e regional. Sobre o espaço urbano as autoras afirmam:

O espaço intra-urbano da cidade torna-se mais complexo e segregado com a formação de bairros que se diferenciam de acordo o poder aquisitivo da população. Para atender a classe média são construídos shopping-centers, instalam revendedoras de automóveis, motos, alojam filiais de cadeias regionais e nacionais (Famácia Pague-Menos, Hipermercado Bom Preço, Atacadão, Mc Donalds) e franquias (Boticário, Água de Cheiro, Elementais e etc). Essa dinâmica comercial favorece a permanência de destacados bancos privados e bancos de desenvolvimento, além dos públicos. (SAMPAIO; GUSMÃO, 2010, p. 4).

Assim, Vitória da Conquista se apresenta atualmente não somente como um centro de consumo local e regional, mas também concorre com cidades de mesma importância na Bahia e, a depender dos serviços (como ensino superior), concorre com cidades de maior importância em outros estados do país. A lógica da interação espacial da descontinuidade no país permitiu a ampliação e redefinição do papel da cidade e sua participação no mercado nacional e suas relações com o mercado internacional, por meio dos fluxos financeiros decorrentes da atuação de bancos como o Santander e HSBC ou fluxos de capitais de empresas multinacionais ou transnacionais como Walmart (Hipermercado Bom Preço) e Carrefour (Atacadão). Considerando que os fluxos de comunicação e informação influenciam no consumo e a busca por bens ou serviços que não podem ser atendidos somente virtualmente, a cidade torna-se o destino de pessoas de diferentes regiões da Bahia e norte de Minas Gerais.

Concepções de região e regionalização e discursividades em disputa sobre Vitória da Conquista e região

Os discursos sobre determinada região, na qual diferentes sujeitos sociais estão inseridos e participam de sua construção, representam discursividades em disputa sobre a questão regional. Nesse sentido, Haesbaert afirma:

[...] as regiões são construídas tanto material quanto discursivamente, dentro de um sistema de representações, cada uma dessas modalidades afeta a outra, e a coesão dada pela “imagem” da região pode ser mais firme do que as próprias relações materiais que ela comporta. Raramente, aliás, uma região irá manifestar [...] uma coerência entre espaço econômico, político-social e cultural (sem falar no natural). (HAESBAERT, 2010. p. 83).

Na ciência geográfica, desde os teóricos da chamada Geografia Tradicional até a atualidade, diferentes concepções de região e regionalização buscam explicar os processos de diferenciação espacial.

A concepção de região natural é a primeira a ser defendida na Geografia, nascida da ideia de que a natureza tem certo domínio sobre o desenvolvimento da sociedade. Ritter define o conceito de “sistema natural” uma área delimitada dotada de individualidade e caberia à Geografia estudá-los e compará-los (MORAES, 2007, p. 63).

Moraes (2007) destaca que nos estudos de Vidal de La Blache e seus discípulos, a forma dos homens se organizarem no espaço terrestre se manifestava na região tornando-a uma unidade de análise geográfica. A individualidade caracterizaria a região e permitiria traçar seus limites. Nessa perspectiva, a região é considerada um instrumento teórico de pesquisa, mas também um dado da própria realidade.

Com base na proposta de Hettner, no final do século XIX de estudo da diferenciação de áreas, Hartshorne, vai propor, nos anos trinta do século XX, o estudo da região como “constructo intelectual” que poderia variar de acordo com os objetivos do pesquisador. A geografia idiográfica de Hartshorne compreendia a delimitação de áreas após a seleção de fenômenos/dados considerados significativos e busca a maior integração possível desses fenômenos a fim de definir o caráter da área que a distingue das demais. Após os anos trinta do século XX, Carl Sauer propôs o estudo das “paisagens culturais” nas quais buscava-se compreender as formas espaciais decorrentes da cultura de um povo e a comparação dessas paisagens (MORAES, 2007; HAESBAERT, 2010).

A nova Geografia Cultural, após a década de 1960, coloca o homem no centro de suas análises, conforme ressalta Claval (2012, p. 92). Na Geografia Cultural contemporânea, os estudos sobre a diversidade partem da experiência dos diferentes grupos sociais na sua relação com o espaço, o que tem motivado estudos sobre os sentidos atribuídos aos lugares (CLAVAL, 2001; 2012). Frémont (1980) defende a concepção de região nessa perspectiva:

De uma maneira geral a região apresenta-se como um espaço médio, menos extensa do que a nação ou o grande espaço da civilização, mais vasto do que o espaço social de um grupo, e a *fortiori* de um lugar. Integra lugares vividos e espaços sociais com um mínimo de coerência e de especificidade, que fazem dela um conjunto com uma estrutura própria (a combinação regional), e que a distinguem por certas

representações na percepção dos habitantes ou dos estranhos (as imagens regionais). (FRÉMONT, 1980, p. 167).

Na abordagem chamada neopositivista, defendida a partir dos anos 50 do século XX, a região é considerada como tipos ou classes de área classificadas por meio do agrupamento de objetos considerando sua semelhança quanto à propriedade ou suas relações. Nessa perspectiva, a classificação é feita por meio da seleção da característica diferenciadora comum aos objetos para agrupá-los em classes. A região aparece como um instrumento metodológico no qual a regionalização é análoga à classificação (HAESBAERT, 2010, p. 44-45).

Na perspectiva marxista, defendida a partir da década de 1970, a região começa a ser discutida como produto da divisão territorial do trabalho, enfatizando a dimensão econômica: “o espaço no qual se imbricam dialeticamente uma forma especial de reprodução do capital, e por consequência uma forma especial de luta de classes, onde o econômico e o político se fusionam e assumem uma forma especial [...]” (OLIVEIRA *apud* HAESBAERT, 2010, p.53). Nessa perspectiva, manifesta-se ainda a ênfase nos movimentos regionalistas enquanto luta social por parte de teóricos da questão regional.

Ao analisar a importância da articulação entre as dimensões material-funcional e simbólico-cultural, Haesbaert ressalta a contribuição feita por Gramsci:

Gramsci é provavelmente um dos primeiros pensadores a contribuir para a conceituação de região a partir do reconhecimento da efetiva organização e reprodução – material e simbólica – dos agentes sociais numa postura crítica, dentro do materialismo histórico. (HAESBAERT, 2010, p. 54).

Numa perspectiva que agrega essas dimensões, Haesbaert (2010, p. 110) propõe a discussão da região pautada nas questões:

- Região como produto-produtora dos processos de diferenciação espacial;
- região como produto-produtora das dinâmicas concomitantes de globalização e fragmentação (redes de coesão/articulação regional e desarticulação regional e/ou fragmentação de espaços dentro do espaço regional);
- região construída por meio da atuação de diferentes sujeitos sociais (Estado, empresas, outras instituições de poder, agentes socioculturais e classes econômico-políticas).

O autor ressalta que a conjugação diferenciada dos múltiplos processos e sujeitos que participam da construção regional (complexidade regional) seria avaliada quantitativa e qualitativamente a partir da intensidade e da multiplicidade da articulação regional por meio do reconhecimento das redes de circulação econômica e de poder e aquelas dos diferentes agentes culturais na região (HAESBAERT, 2010, p. 138-139).

A análise do discurso dos diferentes sujeitos sociais na construção regional contribui para a compreensão das representações sociais e sua relação com as práticas materializadas no espaço regional. Em análise de discurso, a noção de representação social se aproxima do interdiscurso que implica a relação do discurso com outros discursos que sustentam a possibilidade do dizer, sua memória (ORLANDI, 2003).

A representação social, conforme explicitam Charaudeau e Maingueneau (2006), se configura em discursos sociais que ora se fundamentam no saber de conhecimento sobre o mundo, ora sobre um saber de crenças que encerram valores que influenciam o julgamento da realidade e, do mesmo modo, permitem a um grupo construir a consciência de si e que parte de uma identidade coletiva.

O discurso é definido por Foucault como um “conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação; é assim se pode falar do discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico” (FOUCAULT, 2004, p. 122). Na perspectiva de Foucault (1999), o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar. Ressalta que o discurso é aquilo que é o objeto do desejo. Nesse sentido, ao analisar a região como uma realidade e concomitantemente como um mecanismo social-intelectual, Haesbaert (2010) destaca:

“Na verdade, se as escalas – e a própria região – são construídas e contingentes, como afirma Moore (2008), elas são também objeto de disputas sociais e políticas, continuamente repostas – por exemplo, através das próprias iniciativas de composição de “regiões-plano” promovidas por órgãos estatais de planejamento. (HAESBAERT, 2010, p. 94).

Analisando a relação entre o discurso e a prática social espacializada, Castro (2012) explicita:

Existe [...] uma relação, que não pode ser ignorada, entre a geograficidade da experiência humana e a elaboração de um discurso que não é neutro, mas ao contrário, qualifica o espaço e seus objetos,

tornando-os significantes, portadores de significados nas representações sociais. Consequentemente, este discurso expressa valores simbólicos que presidem a estruturação funcional do espaço, com conseqüências importantes sobre a sua organização pela sociedade em função dos significados que lhe são atribuídos (CASTRO, 2012, p. 178-179).

O processo de regionalização por parte de instituições governamentais que decidem sobre a dotação de recursos para regiões definidas com base em interesses políticos e econômicos revela a forma como o discurso pode ser utilizado por agentes e indivíduos para justificar decisões no espaço regional.

Na Bahia, a base territorial de ação governamental na escala regional tem sido resultado de diferentes regionalizações desde 1966 quando foram criadas 17 regiões administrativas que chegaram a 32 unidades. A criação de 15 Regiões Econômicas pelo governo do Estado não resultou em transformações na gestão regional nas últimas décadas. A partir de 2007, a criação dos territórios de identidade originados com base nos territórios rurais adotados pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, é considerada uma proposta inovadora que tem por objetivo promover a inclusão e o desenvolvimento social e territorial. (SILVA; SILVA, 2003; SILVA; FONSECA, 2008).

No Plano Plurianual 2000-2003, a regionalização da Bahia em oito eixos de desenvolvimento, serviu de base para o planejamento governamental (Figura 1). Na regionalização utilizada no Plano Plurianual 2000-2003, do governo da Bahia, a cidade de Vitória da Conquista estava entre as cidades líderes do eixo de desenvolvimento Planalto.

As instituições públicas da esfera federal e estadual que atuam na Bahia como IBGE, Ministério da Saúde, Diretoria Regional de Saúde (DIRES), Diretoria Regional de Educação (DIREC), Agência Estadual de Defesa Agropecuária (ADAB), Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), utilizam diferentes regionalizações: eixos de desenvolvimento, mesorregião geográfica, microrregião geográfica, região administrativa, região econômica, região semiárida e territórios de identidade, que são utilizadas por diferentes setores institucionais no planejamento das ações no espaço baiano.

Figura 1 – Eixos de desenvolvimento da Bahia



Fonte: Agência de Fomento do Estado da Bahia - DESENBAHIA, 2000

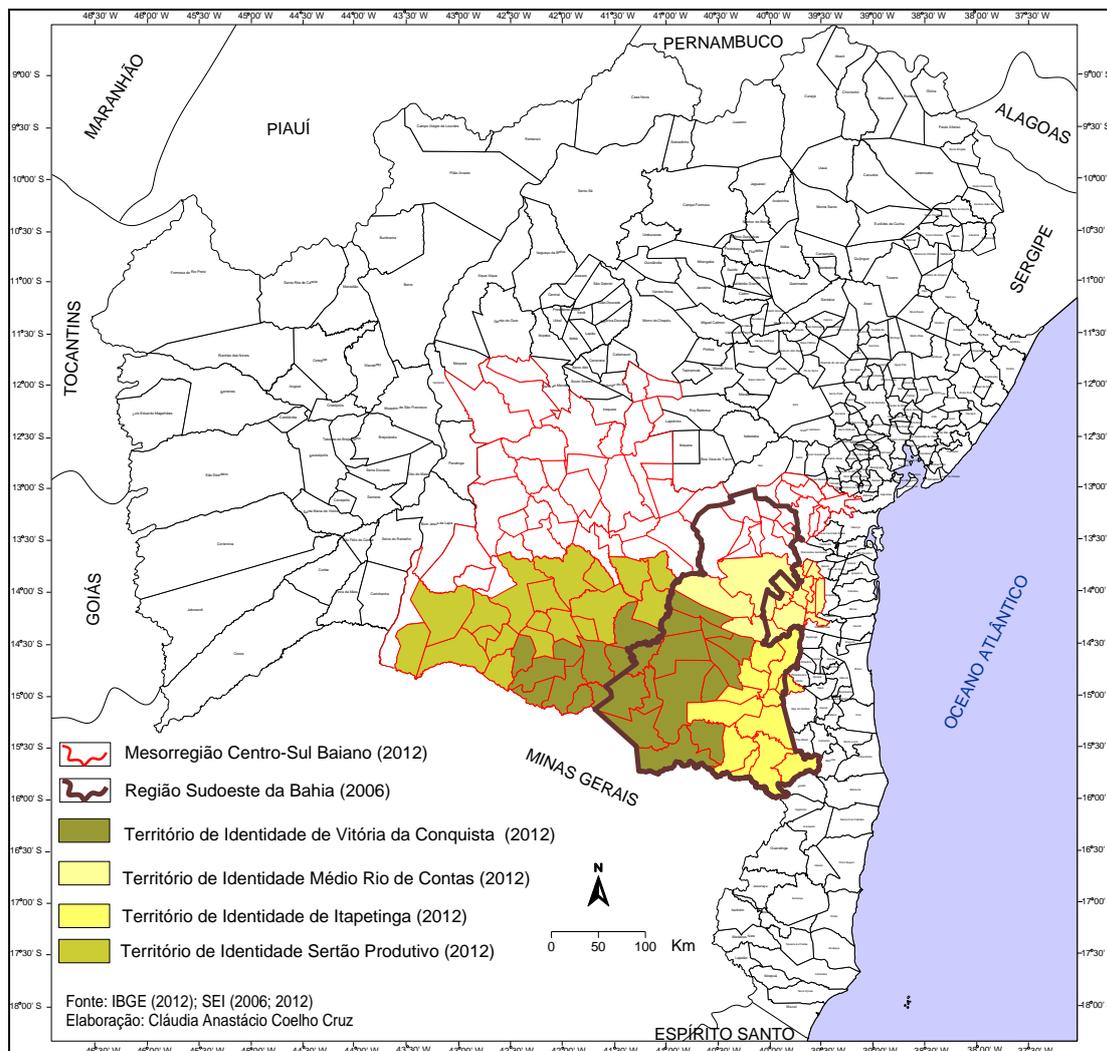
Os municípios, apresentados na Figura 2, compõem a base territorial de planejamento dos governos federal, estadual e municipal em diferentes regionalizações, no período de 1991 a 2013. Em sua maioria, esses municípios estão localizados no semiárido e sua estrutura produtiva pelo comércio e serviços, lavoura cafeeira, pecuária bovina e caprina extensiva de corte e leite e atividades industriais dos ramos tradicionais como a produção de alimentos, bebidas, vestuários e calçados.

A Região Sudoeste da Bahia é resultado da regionalização do espaço baiano que considera os aspectos econômicos, instituída pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) e utilizada como base para o planejamento regional até o ano de 2006.

A regionalização que trata da região econômica Sudoeste da Bahia é composta por 39 municípios: Anagé, Barra do Choça, Belo Campo, Boa Nova, Bom Jesus da Serra, Caatiba, Caetanos, Cândido Sales, Encruzilhada, Caraíbas, Cravolândia, Firmino Alves, Ibicuí, Iguai, Irajuba, Itambé, Itapetinga, Itaquara, Itarantim, Itiruçu, Itororó,

Jaquaquara, Jequié, Lafaiete Coutinho, Lajedo do Tabocal, Macarani, Maiquinique, Manoel Vitorino, Maracás, Mirante, Nova Canaã, Planaltino, Planalto, Poções, Potiraguá, Ribeirão do Largo, Santa Inês, Tremedal, Vitória da Conquista.

Figura 2 – Regionalizações recentes envolvendo municípios da região de Vitória da Conquista.



A partir de 2007, a SEI instituiu outra regionalização, fundada nos aspectos culturais e econômicos, com base nos territórios de identidade utilizados pelo Ministério do desenvolvimento Agrário, e nesta regionalização parte dos municípios da região de Vitória da Conquista, Itapetinga e Jequié, que se destacavam na regionalização anterior, passaram a compor os territórios de identidade de Vitória da Conquista, Itapetinga e Médio Rio de Contas.

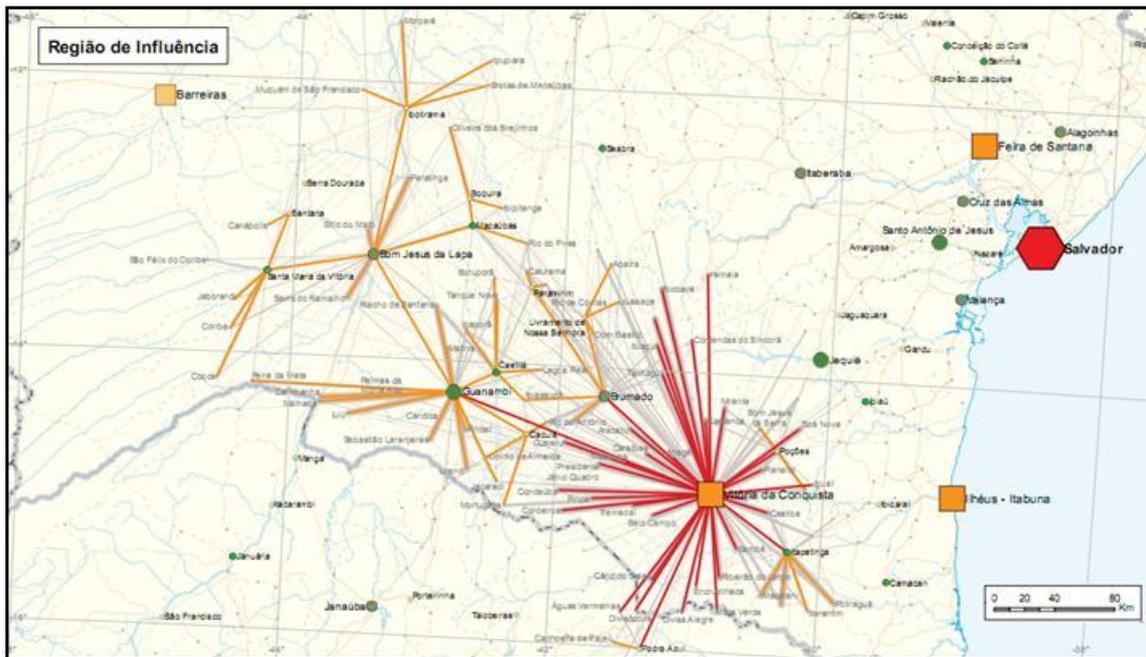
Parte dos municípios que na regionalização anterior faziam parte da Região da Serra Geral (atualmente parte dos municípios corresponde ao território de Identidade

Sertão Produtivo), passaram a fazer parte do Território de Identidade de Vitória da Conquista, o qual abrange 24 municípios: Anagé, Aracatu, Barra do Choça, Belo Campo, Bom Jesus da Serra, Caatiba, Caetanos, Cândido Sales, Caraíbas, Condeúba, Encruzilhada, Guajeru, Jacaraci, Licínio de Almeida, Maetinga, Mirante, Mortugaba, Piriapá, Planalto, Poções, Presidente Jânio Quadros, Ribeirão do Largo, Tremedal e Vitória da Conquista (SEI, 2013). Desses municípios, 15 possuem população rural maior que a urbana (IBGE, 2011).

A região de Vitória da Conquista está inserida ainda na regionalização do IBGE denominada Mesorregião Centro-Sul Baiano. Com base no documento intitulado “Regiões de Influências das Cidades – REGIC 2007” o IBGE apresenta os municípios da Bahia e Minas Gerais de influência direta e indireta de Vitória da Conquista (Figura 3), totalizando 97 municípios, com população de 2.121.638 habitantes, conforme dados do IBGE (2008), os quais se deslocam em busca de cursos superiores e atividades de comércio, tornando a cidade o maior destino de transportes coletivos da região. Os serviços de saúde também tem sido motivo de deslocamento dessa população para a cidade.

Os estudos que resultaram no REGIC 2007 utilizaram como base a rede urbana brasileira, apresentada no documento, a qual teve por fundamento a Teoria das Localidades Centrais, de Christaller (IBGE, 2008, p. 129) e também a função de gestão do território na visão de Corrêa (IBGE, 2008, p. 131) para o qual o centro de gestão do território se constitui na cidade onde “se localizam, de um lado, os diversos órgãos do Estado e, de outro, as sedes de empresas cujas decisões afetam direta ou indiretamente um dado espaço que passa a ficar sob o controle da cidade através das empresas nela sediadas”. Corrêa (2007) ressalta que o tamanho demográfico possibilita maior ou menor desenvolvimento de funções urbanas ou atividades básicas, direcionadas essencialmente para fora da cidade, e de atividades não-básicas, voltadas essencialmente para o consumo da própria cidade, mas também pode ser influenciado pelo desenvolvimento de novas funções urbanas, criadas por grupos locais ou regionais, ou por interesses extra-regionais.

Figura 3 – Vitória da Conquista e região, segundo “Regiões de Influência das Cidades - REGIC 2007” do IBGE



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2008

O crescimento da cidade de Vitória da Conquista no Estado da Bahia tem sido destaque na mídia impressa. Na década de 1970, o jornal *Fifó*, no seu primeiro número, divulgado em 18 de outubro de 1977, já destacava a importância econômica e política do município de Vitória da Conquista no Estado da Bahia, o que contribuiu para a escolha da cidade para o lançamento do Plano de Revigoração e Renovação dos Cafezais, o qual contemplava os municípios de Vitória da Conquista, Barra do Choça, Planalto e Poções, por meio de crédito agrícola disponibilizado pelo Banco do Brasil (FERNANDES, 2012).

No dia 9 de novembro de 2011, nos 171 anos da cidade, o jornal *Correio* publicou um caderno especial, que fazia parte do projeto especial de marketing do jornal. No texto da reportagem sobre Vitória da Conquista, é enfatizado o dinamismo no sudoeste baiano com o crescimento da cidade, que se destaca como um polo educacional e de saúde que agrega uma região de mais de 2 milhões de pessoas. O Programa Municipal de Habitação Popular é apresentado na reportagem e destaca o número de famílias beneficiadas. A infraestrutura e o comércio forte da cidade, assim como seu clima agradável são apresentados no jornal como motivos para atrair

investimentos em diversos setores para a cidade. O texto apresentado no jornal remete ao que Klink (2001, p. 32-33) chama de política da competitividade urbana na qual “a cidade deveria construir uma imagem positiva como sendo um espaço produtivo, agradável e seguro para se fazer negócios, por exemplo de campanhas agressivas de *city marketing*”.

No mesmo ano, meses antes da reportagem do jornal *Correio*, no dia 11 de julho, o jornal *A Tarde* publicou no caderno A (p. 10), a reportagem intitulada “Barracos se multiplicam na periferia de Conquista”, destacando a falta de moradia digna no chamado “condomínio da miséria”, nome dado pelos moradores. A reportagem mostra a moradia dos sem-teto em barracos de lona, papelão e caixotes de madeira, na periferia da cidade.

Os critérios de competência que permitem ao indivíduo proferir determinado discurso envolvem o que Foucault (2004) denomina o “lugar” de onde vêm as enunciações: quem fala, quem tem o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito para falar algo; onde obtém seu discurso, e onde se encontra sua origem legítima (lugar institucional); e qual é a posição assumida pelo sujeito em relação aos diversos domínios ou agentes de objetos, quando exerce um discurso. Nesse sentido Foucault (2004, p. 61) destaca que “devemos buscar no discurso um campo de regularidade para as diversas posições de subjetividade”.

O papel desempenhado pelo discurso em nossa sociedade é discutido por Foucault (1999, p. 75) destacando que:

[...] em nossas sociedades, a propriedade do discurso – entendida ao mesmo tempo como direito de falar, competência para compreender, acesso lícito e imediato ao ‘corpus’ dos enunciados já formulados, capacidade, enfim, de investir esse discurso em decisões, instituições ou práticas – está reservada de fato [...] a um grupo determinado de indivíduos [...].

Foucault coloca as diretrizes para a análise do discurso concebendo-o como um jogo estratégico, ação e reação, de dominação e de esquiva e também como luta, na medida em que o discurso é atravessado por várias posições possíveis de serem assumidas pelo sujeito no discurso (BRANDÃO, 1994).

Assim, as discursividades em disputa sobre Vitória da Conquista e região, assim como as regionalizações advindas das concepções defendidas, fazem parte da construção regional pelos diferentes grupos sociais com implicações no espaço, o que

coloca a necessidade de analisar a relação entre o discurso e as práticas sociais sobre região e a regionalização, tendo a cidade de Vitória da Conquista como articuladora dos processos sociais, econômicos e culturais na região na qual está inserida.

Considerações finais

As palavras, expressões ou proposições sobre a região e a articulação dos processos econômicos, sociais e políticos entre Vitória da Conquista e região mudam de sentido por aqueles que a empregam de acordo com as posições em que se inscrevem aqueles que as utilizam, a depender das condições de produção do discurso.

As diferentes regionalizações do espaço regional, no qual Vitória da Conquista está inserida, expressam a forma como os discursos se materializam no espaço, pois essas regionalizações influenciam nas decisões sobre investimentos públicos e privados, com repercussões para os sujeitos sociais que vivem nesse espaço.

A relação entre Vitória da Conquista e região nas últimas décadas é resultado das transformações nos processos econômicos e sociais, na escala global, os quais resultam na apropriação e reformulação de dinâmicas consolidadas, articulando lógicas de interação espacial de continuidade e descontinuidade, por meio dos fluxos materiais de pessoas, bens e serviços e os fluxos imateriais de comunicação/informação e capitais.

Assim, as transformações em Vitória da Conquista e região, nas quais se destaca a ampliação das interações espaciais envolvendo municípios na Bahia e norte de Minas Gerais, assim como com cidades de outros estados do país, permitem a manifestação de discursos sobre região e regionalização por parte de sujeitos sociais e institucionais, que repercutem no espaço regional.

Referências

BAHIA. Agência de fomento do Estado da Bahia. **Economia Baiana: Desempenho e perspectivas**. Salvador, 2000. 30 p.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

CASTRO, I. E. de. Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação. In: CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da C. ; CORRÊA, R. L. (Orgs). **Explorações geográficas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 155-196.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CLAVAL, P. O papel da Nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 35-86.

_____. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, I.E. de. ; GOMES, P.C. da.; CORRÊA, R. L (Orgs.). **Explorações geográficas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 89-118.

CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de cidade media. In: SPOSITO, M. E. B. ; ELIAS, D.; SOARES, B.R.; MAIA, D. S.; GOMES, E. T. A. (Org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-34.

FERNANDES, L. Jornais antigos. In: **Taberna da História do Sertão Baiano**. Disponível em:< <http://www.tabernadahistoriavc.com.br>>. Acesso em: 02 agosto 2013.

FERRAZ, A.de Q. **O espaço em movimento**: o desvelar da rede nos processos sociotécnicos do sistema de saúde de Vitória da Conquista – Bahia. São Cristóvão, SE: 2009. Originalmente apresentada como dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe, 2009.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **A ordem do discurso**. (Tradução L. F. de Almeida Sampaio). 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Tradução de Antonio Gonçalves. Revisão de Antonio Gama Mendes. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

GUSMÃO, A. D. F. **Espaço regional e ensino superior em Vitória da Conquista-BA**. São Cristóvão, SE: 2009. Originalmente apresentada como dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe, 2009.

HAESBAERT, R. **Regional-Global**: dilemas da Região e da Regionalização na Geografia Contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sinopse do censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:< <http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 8 julho 2013.

_____. **Regiões de Influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro. 2008. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 23 maio 2011.

KLINK, J. J. **A cidade-região**: regionalismo e reestruturação no grande ABC paulista. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

MORAES, A. C. R. **Geografia: Pequena História Crítica**. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 5. ed., 2003.

PADOVAN, G. Especial Vitória da Conquista: 171 anos. **Correio**, Salvador, 9 nov. 2011. Projeto Especial de Marketing, p. 2-12.

SAMPAIO, A. O. **Mobilidade do trabalho e produção do espaço regional de Vitória da Conquista – Bahia**. São Cristóvão, SE: 2013. Originalmente apresentada como dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe, 2013.

SAMPAIO, A. O.; GUSMÃO, A.D.F. Mobilidade do trabalho e produção do espaço nas cidades médias. In: Encontro Nacional dos Geógrafos, 16, 2010, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre, 2010, p. 1-11. Disponível em: <<http://www.agb.org.br>>. Acesso em 03 de ago 2013.

SILVA; S. B. M; FONSECA, A. A. M. Políticas territoriais de integração e fortalecimento urbano e regional para o Estado da Bahia. **Revista de Desenvolvimento Econômico**. Salvador, ano X, n. 17, p 15-22, jan. 2008.

SILVA; B.N.; SILVA, S. B. M. **Estudos sobre globalização, território e Bahia**. Salvador: UFBA, Mestrado em Geografia, Departamento de Geografia, 2003.

SOFTWARE **Map Viewer 7.0**. Golden Software INC. Golden, U.S.A., 2006.

SOUSA, J. Barracos se multiplicam na periferia de Conquista. **A Tarde**, Salvador, 11 jul. 2011. Caderno A, p. 10.

SPOSITO, M. E. B; ELIAS, D.; SOARES, B.R.; MAIA, D. S.; GOMES, E. T. A. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, M. E. B.(Org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 35-68.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Territórios de Identidade: Estado da Bahia 2013**. Mapa. Escala: 1.2.250.000. Salvador, 2013. Disponível em: <<http://www.sei.ba.gov.br>>. Acesso em 03 de ago 2013.